

## As batalhas de rimas improvisadas do movimento Hip-Hop no Parque Cimba, em Araguaína-TO: práticas de letramento de reexistência da juventude periférica

Leomar Alves de Sousa<sup>1</sup>

Eliane Cristina Testa<sup>2</sup>

DOI: <https://doi.org/10.22409/pragmatizes.v15i28.65565>

**Resumo:** Neste artigo analisamos como as batalhas de rimas improvisadas do movimento Hip-Hop, realizadas semanalmente no Parque Cimba, em Araguaína-Tocantins, se constituem como práticas de letramento de reexistência em que jovens *Mc's* engendram suas rimas a partir de temáticas socioculturais que perpassam suas vivências nas regiões periféricas em que vivem. Analisamos ainda como essas batalhas de rimas são incorporadas aos ambientes escolares como objeto de ensino na perspectiva de contribuir na formação dos alunos como leitores literários. O artigo consiste em uma pesquisa participante com análise qualitativa, em que apontamos que por meio das batalhas de rimas improvisadas os *Mc's* expressam suas vivências de jovens periféricos que fazem a leitura crítico-social de seus contextos de vida em perspectivas de reexistência frente a essas realidades.

**Palavras-chave:** Hip-Hop; batalhas de rimas; letramento de reexistência.

**The improvised rhyme battles of the Hip-Hop movement in Cimba Park, in Araguaína-TO: literacy practices of re-existence of peripheral youth**

**Abstract:** In this article, we analyze how the improvised rhyme battles of the Hip-Hop movement held weekly at Parque Cimba, in Araguaína-Tocantins, constitute literacy practices of re-existence in which young *MCs* create their rhymes based on sociocultural themes that permeate their experiences in the peripheral regions where they live. We also analyze how these rhyme battles are incorporated into school environments as teaching objects with the aim of contributing to the formation of students as literary readers. The article consists of a participatory research with qualitative analysis, in which we point out that through improvised rhyme battles, *MCs* express their experiences as young people from the periphery who make a critical-social reading of their life contexts from the perspective of re-existence in the face of these realities.

<sup>1</sup> Doutor em Linguística e Literatura pela Universidade Federal do Tocantins (UFNT). Docente da educação básica na rede estadual de ensino do Estado do Tocantins. E-mail: ramoel05@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2898-6230>.

<sup>2</sup> Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Docente na Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). E-mail: eliane.testa@ufnt.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0863-4297>.

**Keywords:** Hip-Hop; rap battles; re-existence literacy.

### **Las batallas de rimas improvisadas del movimiento Hip-Hop en el Parque Cimba, en Araguaína-TO: prácticas de alfabetización para la reexistencia de la juventud periférica**

**Resumen:** En este artículo analizamos cómo las batallas de rimas improvisadas del movimiento Hip-Hop realizadas semanalmente en el Parque Cimba, en Araguaína-Tocantins, constituyen prácticas de alfabetización de reexistencia en las que los jóvenes *Mc* generan sus rimas a partir de temas socioculturales que permean sus experiencias. en las regiones periféricas en las que viven. También analizamos cómo estas batallas de rimas se incorporan a los ambientes escolares como objeto de enseñanza con vistas a contribuir a la formación de los estudiantes como lectores literarios. El artículo consiste en una investigación participativa con análisis cualitativo, en la que señalamos que a través de batallas de rimas improvisadas, los *Mc* expresan sus experiencias como jóvenes periféricos que realizan una lectura crítico-social de sus contextos de vida en perspectivas de reexistencia en el rostro. de estas realidades.

**Palabras clave:** Hip-Hop; batallas de rimas; alfabetización de reexistencia.

### **As batalhas de rimas improvisadas do movimento Hip-Hop no Parque Cimba, em Araguaína-TO: práticas de letramento de reexistência da juventude periférica**

#### **Introdução: *Mc's*, rimadores das batalhas de rimas do movimento Hip-Hop**

Esse estudo é um recorte de uma pesquisa participante que se constituiu através do desenvolvimento de um projeto de leitura literária com foco em obras da literatura marginal-periférica e letras de poetas do Hip-Hop (*Mc's* e *rappers*), em uma turma de 8º ano e outra de 9º ano em uma escola pública de educação básica na cidade de Araguaína-TO. A referida pesquisa teve como objetivo geral “Demonstrar,

por meio de um projeto de leitura, que as batalhas de rimas improvisadas do movimento Hip-Hop, aliadas às narrativas e à poética da literatura marginal-periférica contribuem para a formação de jovens leitores literários na escola”.

À vista disso, definimos como objetivo desse artigo analisar como a participação dos *Mc's* da Batalha do Cimba contribuiu para o letramento de reexistência em que, por meio das batalhas de rimas improvisadas, os jovens *Mc's* põe em evidência

elementos socioculturais de suas vivências na periferia. Nessa perspectiva, temos como objetivos específicos, nesse estudo, (i) discutir de que modo as batalhas de rimas são introduzidas no ambiente escolar como objeto de ensino com o propósito de contribuir na formação dos alunos como leitores de literatura, e (ii) compreender como os jovens *Mc's* constroem suas rimas improvisadas, considerando seus contextos socioculturais.

Tendo em vista que o projeto de leitura literária, base do presente estudo, se consistiu por meio de práticas didático-metodológicas de oficinas de leitura de poesias da literatura marginal-periférica e das poéticas do Hip-Hop, em que os alunos tiveram momentos de interação com *Mc's* em eventos de batalhas de rimas no contexto escolar, adotamos a análise qualitativa com viés interpretativo e bibliográfico, com realização de entrevistas com os *Mc's* participantes da pesquisa, gravações audiovisuais de batalhas de rimas, além de transcrições e análises dessas batalhas.

Como movimento cultural, o Hip-Hop surge nas periferias, sobretudo

marcadas pela predominância da população negra, e “[...] historicamente ganha força nos Estados Unidos a partir do final dos anos 1970 e posteriormente se espalha pelas grandes metrópoles do mundo” (Souza, 2011, p. 15). Sendo uma cultura periférica o Hip-Hop, se caracteriza pela expressão das vozes periféricas, que fazem suas críticas às vulnerabilidades sociais, à violência policial, ao racismo e a outras formas de violências e situações diversas que dificultam e até impedem o exercício da cidadania.

O movimento Hip-Hop agrega em sua constituição cinco elementos distintos pelas suas diversidades de expressões artísticas que manifestam uma filosofia de vida de seus integrantes, sendo esses: (i) *Rap* (Ritmo e poesia); (ii) *Mc* (Mestre de cerimônias); (iii) *Dj* (Disc jockey); (iv) *Grafite*; e (v) *Breaking*.

Ao referir a representatividade do *Mc* dentro da cultura Hip-Hop, D'Alva (2014), pontua que ele

[...] pulsa na contundência do discurso das ruas, tornando-se um porta-voz que, por meio de articulações de rimas – o *rap* (*rhythm and poetry*, ritmo e poesia) –, estabelece a comunicação oral narrando a

realidade em que está inserido além de histórias fictícias, memórias e toda sorte de assuntos que possa representá-lo (D'Alva, 2014, p. 04).

Nesse sentido, os *Mc's*, mestres de cerimônias, atuam como cantores de *rap*, fazem apresentações de shows e são poetas competidores e apresentadores de batalhas de rimas improvisadas, a exemplo do grupo de jovens organizadores e participantes do movimento Batalha do Cimba, na cidade de Araguaína-TO, manifestação cultura da poética do Hip-Hop que acontece aos finais das tardes de domingo, no Parque Cimba que dá nome ao evento.

Os *Mc's* que participam da Batalha do Cimba compõem um grupo composto de aproximadamente vinte adolescentes, jovens e adultos, com idade entre treze e vinte e seis anos. São moradores de diferentes bairros da cidade, sendo a maioria de regiões periféricas ao centro e ao Parque Cimba, que fica localizado muito próximo à área central de comércios diversos. Grande parte desses *Mc's* são estudantes da educação básica e três cursam ensino superior, e há ainda

aqueles que abandonaram a escola sem concluir o ensino médio.

Em geral, os integrantes do movimento Hip-Hop, especialmente, os *rappers* e os *Mc's* possuem uma identidade cultural peculiar e desprovida de formalidades, marcada pelo uso de nomes artísticos e pelas vestimentas, que costumam ser compostas por *shorts* de tactel ou moletom, por calças compridas e folgadas, por bonés, por camisetas quase sempre grandes e desproporcionais aos tamanhos dos corpos, por regatas e/ou por mangas compridas, com estampas alusivas a cantores de *rap*, a times de futebol e a marcas internacionais de produtos famosos. Esses elementos que caracterizam a identidade do *Mc* são tidos como objetos de desejo de consumo daqueles que nem sempre possuem poder aquisitivo suficiente para a satisfação de tal desejo.

Comumente o uso desses adereços compõem toda uma aparência “descolada”, associada ao uso de tatuagens. Todos esses elementos que dão visibilidade aos corpos são realçados pela linguagem informal com a presença de gírias, comuns às localidades que residem e

aos grupos sociais a que os *Mc's* e *rappers* pertencem, estruturando e definindo a identidade cultural (Hall, 2006, p. 11-12).

Segundo a concepção de Hall (2006), no que concerne à identidade e à composição da identidade cultural:

[...] a identidade é formada na “interação” entre “eu” e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas esse é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem. [...] A identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, “sutura”) o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis (Hall, 2006, p. 11-12).

E, ainda a respeito da formação da identidade:

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas (Hall, 2014, p. 109).

Desse modo, como aponta o autor, podemos dizer que a identidade

cultural dos *Mc's* se constitui por meio de múltiplas interações socioculturais em seus contextos de vivências em comunidades que agregam os núcleos familiares e escolares, de amizades, de trabalho e de emprego; e, sobretudo, por meio dos constantes contatos (ou consumo) da cultura Hip-Hop: pelo contato com a arte do grafite, pelo acesso às batalhas de rimas, ou por meio de canais de disseminação deste estilo de vida via *internet*. Em específico, os *Mc's* da cidade de Araguaína-TO interagem, principalmente pela participação nas rodas de batalhas de rimas improvisadas no Parque Cimba-TO, e em outros espaços públicos de lazer e dentro das escolas.

Nesse sentido, os *Mc's* citados neste artigo participaram como colaboradores no projeto de leitura literária de obras poéticas da literatura marginal-periférica, raps de artistas nacionais, realizando batalhas de rimas improvisadas em interações com alunos adolescentes de uma turma de 8º e outra de 9º ano.

A participação dos *Mc's* como colaboradores da pesquisa realizando oficinas de rimas improvisadas se justificou pelo fato de muitos deles

manifestarem interesse pela leitura, seja por livros sobre fatos históricos, sejam por livros de literatura; de modo que os conteúdos apreendidos por meio dessas leituras aparecem como elementos temáticos nas performances de suas rimas improvisadas nas batalhas nas quais participam.

Todos esses diferentes contextos contribuem para a formação de suas identidades culturais e evidenciam explicitamente suas filiações ao universo Hip-Hop, principalmente caracterizado pelos estilos de vida associados aos modos como estes poetas de rua adornam seus corpos com vestimentas, com tatuagens, com bonés e com outros adereços, que compõem todo um estilo pessoal realçado pela linguagem informal e pelo uso de gírias explícitas em rimas, por meio das quais se posicionam frente às realidades em que vivem. Vale destacar que seus posicionamentos geralmente são expressos por posturas de contestação e denúncias das vulnerabilidades sociais, em práticas de letramento de reexistência, tais como a leitura e a escrita literária a partir das próprias vivências, a produção de raps, a

realização de *slam*, o grafite e as batalhas de rimas improvisadas.

Em vista de tais características identitárias, Souza (2011) considera a cultura Hip-Hop como agência de práticas de letramentos de reexistência ao argumentar que:

[m]inha intenção é evidenciar que o movimento cultural Hip-Hop emerge como uma agência de letramento que apresenta pontos em comum com diversas experiências educativas de grupos do movimento social negro que o antecederam. É dessa perspectiva que procuro descrever o processo no qual os ativistas do movimento Hip-Hop desempenham papel histórico ao incorporar, criar, ressignificar e reinventar os usos sociais da linguagem, os valores e intenções que chamo de letramento de reexistência (Souza, 2011, p. 36).

A autora destaca o caráter educativo e emancipatório do movimento Hip-Hop, sobretudo por possibilitar eventos de letramento, visto que em sua essência esse movimento se realiza por meio de diferentes manifestações artístico-culturais que põe em evidência o potencial criativo das populações das comunidades periféricas que, veem na arte um potente meio de vencer a pobreza, além de despertar a consciência crítica

em relação aos contextos sociais em que vivem.

A esse respeito, Sousa (2024) considera que:

[...] experienciar as manifestações dos elementos do Hip-Hop extrapolam as dimensões da fruição estética, ganhando conotações crítico-sociais, em que, por meio da poesia, do rap, do grafite e da dança, a comunidade se apropria das linguagens artísticas para expressarem suas percepções e reivindicarem transformações nas questões que os colocam em situações de vulnerabilidade social, oriundas da ausência de políticas públicas (Sousa, 2024, p. 134-135).

Consideramos que esses modos de experienciar as manifestações dos elementos do Hip-Hop a partir da expressão de visões crítico-sociais, como fazem os *Mc's* nas batalhas de rimas improvisadas, constituem eventos de letramento de reexistência, principalmente pelas formas enfáticas que verbalizam suas percepções acerca das problemáticas presentes na sociedade, tais como: o desemprego, a falta de moradia, as dificuldades de acesso ao sistema de saúde, o racismo estrutural, a violência policial, dentre outras.

Reagindo contra essa realidade estigmatizante que podemos ver na nossa sociedade, os *Mc's*, assim como os *rappers*, usam a palavra lítero-poética, contestando as diferentes manifestações preconceituosas, discriminatórias e racistas que são disseminadas em diversas situações e contextos, contra as comunidades periféricas, por vezes criminalizadas pelo fato de assumirem suas identidades culturais.

Consonante ao exposto, recorremos a Patrocínio (2013) que, ao argumentar acerca das vozes dos sujeitos periféricos, afirma que:

No entanto, ainda que a constituição dos sujeitos discursivos seja distinta, o signo da marginalidade ainda permite a formação de um discurso de resistência que se fixa no confronto a uma determinada norma estabelecida, seja ela estética ou ética. Em outras palavras, a marginalidade ainda é utilizada como uma forma antagônica que permite o estabelecimento de um discurso de oposição contra-hegemônico (Patrocínio, 2013, p. 34)

Nesse sentido, as vozes que se enunciam e se anunciam nas poéticas e nas narrativas do Hip-Hop, produzidas pelos *Mc's* fazem ecoar manifestações de resistência e de

reexistência, que visam romper com discursos hegemônicos, quase sempre engendrados em diversas formas de violências que se materializam em atitudes preconceituosas e racistas que parecem cristalizadas na formação da sociedade brasileira, uma vez que sabemos que o racismo é estrutural.

### **Batalhas de rimas improvisadas na escola como prática de letramento de reexistência**

As práticas de letramento compreendem atividades como o ato de ler e de escrever em contextos de interações sociais que, em se tratando da cultura Hip-Hop, podemos exemplificar como letramento de reexistência a produção de *raps*, a realização de campeonato de poesia *slam*, o grafite e as batalhas de rimas improvisadas, que são “[...] práticas sócio-literárias de resistência à opressão e de potencialização de vozes que sempre foram oprimidas na história do Brasil” (Amorim *et al.*, 2022, p. 109).

<sup>3</sup> As batalhas de conhecimento se caracterizam pelo estilo “ideologia”, em que os Mc’s constroem suas rimas a partir de seus conhecimentos sobre diferentes temas. Geralmente a plateia cita as palavras e/ou

Para exemplificar essas vozes, apresentamos, a seguir, as visões crítico-sociais expressas por *Mc Th* e *Mc Alucard*, em uma batalha de conhecimento<sup>3</sup> no ambiente escolar, em que externam suas visões contrárias aos discursos de preconceito ao estilo Hip-Hop e ao racismo, respectivamente:

*Freestyle é bonito, pelo jeito  
de nós se vestir  
A sociedade pensa que nós  
somos bandidos  
Pelo alargador ou tatuagem  
Você pode crer, eu vou  
chegando aqui  
Rimando, sabe, no maior lazer*

*Cê tá ligado? A verdade é nua  
e crua,  
Quando veem nós na rua  
Já viram pro outro lado da rua!  
(Mc Th)*

Quanto ao contexto da produção das rimas de *Mc Th*, assim como a rima de *Mc Alucard*, que será apresentada na sequência, ressaltamos que foram produzidas em um evento de interação com alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), em uma escola pública da cidade de Araguaína-TO. O evento era de uma batalha de conhecimento em que, geralmente, os Mc’s solicitam

expressões e os Mc’s elaboram suas rimas a partir dessas palavras e expressões apresentadas pelas pessoas da plateia.

que a plateia apresente uma relação de palavras isoladas para, a partir delas e com acompanhamento musical de *rap* instrumental, o *beat*, fazerem suas rimas improvisadas, demonstrando seus níveis de conhecimentos sobre os temas nomeados por tais palavras.

Quanto ao conteúdo, ao lemos os trechos das rimas produzidas por meio de uma dinâmica de improvisação, vemos que a palavra-chave desencadeadora do tema (que foi proposto pelo *Mc Th*) foi “sociedade”. Observamos que *Mc Th* não conceitua o termo “sociedade”, mas denuncia o modo como algumas pessoas são/agem na sociedade “A sociedade pensa que nós somos bandidos”, porque eles assumem suas identidades culturais (com suas roupas, vestimentas, adornos no corpo, tatuagem etc.). Vemos implicitamente que há um misto de preconceito e de repulsa quanto aos corpos e à maneira de ser dos integrantes da *cultura Hip-Hop*.

Portanto, há, nas palavras do *Mc Th*, uma verdade da dor de quem sente na pele o peso de fazer parte de determinados modos de vida “A sociedade pensa que nós somos bandidos” /“Cê tá ligado? A verdade é

*nua e crua/ Quando veem nós na rua/ Já viram pro outro lado da rua!*”, sabemos que integrar certas identidades culturais no nosso país, muitas vezes, é ser perseguido e/ou sofrer discriminações.

Contudo, *Mc Th* também não deixa de exaltar a beleza do *freestyle*, dizendo que: “*freestyle é bonito*”; a expressão refere-se a um estilo de poesia falada e ritmada com acompanhamento instrumental *rap*, que constitui as batalhas de rimas improvisadas.

Já o *Mc Alucard* traz sua visão de mundo no que se refere ao tema preconceito. Vejamos as rimas, a seguir:

*Eu tenho tudo contra os preconceitos  
E eu bato no peito:  
Porque rap, eu faço com amor  
Sendo preto ou branco,  
Sempre honro a minha cor!  
Sempre no microfone,  
Sempre honrando o meu nome,  
Eu represento no microfone  
É isso aí, aqui não tem D.R:  
Preto ou branco, representam minha pele!*  
(*Mc Alucard*)

Já no verso inicial, *Mc Alucard* anuncia seu posicionamento crítico-social a respeito de preconceitos, evidenciando a seus interlocutores que

é totalmente contrário a qualquer tipo de manifestação preconceituosa, visto que a palavra-chave e o tema para improvisação de suas rimas são o termo “preconceito”. Logo em seguida, o *Mc* prossegue expressando que faz *rap* com amor, e por isso não faz distinção de cor, portando-se com honra diante das diferenças étnico-raciais, na condição de jovem fenotipicamente branco, mas que faz parte da cultura Hip-Hop.

Enfatizamos, também, a identificação desse jovem *Mc* com os princípios fundadores do movimento cultural Hip-Hop, que surgiu nos guetos de Nova Iorque, nos Estados Unidos, no início da década de 1970, principalmente, como um movimento de resistência da população negra contra o racismo, pois a falta de oportunidades de integração e a atuação em todos os setores da sociedade americana, colocava a população negra em posições sociais de vulnerabilidade e de miséria.

Devido a isso, Bill E. Lawson (2006) afirma que a “cultura Hip-Hop de

fato tem suas raízes nas lutas políticas dos negros” (Lawson, 2006, p. 171), fazendo menção aos contextos históricos desse movimento cultural, notadamente de lutas e de reivindicação de direitos da população negra norte-americana, alicerçado em contínuas manifestações contra o racismo estrutural<sup>4</sup>. É marcante esta cultura de contestação dotada de posições político-filosóficas em favor das comunidades negras e/ou periféricas. Também estes aspectos de luta e de contestação foram difundidos mundo afora, e, no Brasil, a partir do final da década de 1970 e início de 1980, conforme afirma a pesquisadora Ana Cristina Ribeiro Silva (2021), na obra “Laboratório Hip-Hop: Arte, Educação Batalha- Cia Eclipse e Convidadas (os) e suas andanças”, LiteraRua.

Retomando a análise das rimas, vemos que, na segunda estrofe, *Mc Alucard* prossegue exaltando seu compromisso com a cultura Hip-Hop, por meio de sua atuação nas batalhas de rimas, que, consonante à sua visão,

<sup>4</sup> Silvio Almeida (2020) argumenta que “o racismo é sempre estrutural, ou seja, de que ele é um elemento que integra a organização econômica e política da sociedade.” (Almeida, 2020, p. 20). Desse modo, no Brasil, o racismo

se manifesta em todas as relações sociais, causando exclusão da população negra, além de muitas vezes culminar em violência e morte dessas pessoas.

ele “representa no microfone”, assim como “Preto ou branco”, que ele afirma que representam a cor da pele dele. Então, as rimas improvisadas de Mc Alucard assumem nitidamente posições de pertencimento e de identidade cultural constituída pelo Hip-Hop, sobretudo no modo como ele se define como um representante absolutamente comprometido com essa cultura, a ponto de assumir uma postura antirracista.

Podemos constatar pelas rimas improvisadas dos dois *Mc's* que estes jovens rappers acionam as camadas de suas subjetividades e seus conhecimentos, oriundos de vivências e de leituras, para que suas rimas exprimam suas visões crítico-sociais, a exemplo da questão do preconceito (contra a identidade da cultura Hip-Hop) e do racismo, tão exacerbado em diferentes contextos sociais e em classes no Brasil.

Com vistas à formação de leitores literários na escola, por meio de diferentes práticas leitoras, escutas e análises de raps, promovemos Oficinas com as batalhas de rimas (com a participação *in loco* dos *Mc's* na escola) a fim de fomentar as percepções de alunos em favor de uma ampliação de

suas capacidades de interpretação e de compreensão dos diferentes contextos sociais em que vivem. As oficinas foram realizadas em uma turma de 8º ano e outra de 9º no Colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes, na cidade de Araguaína.

A seguir, apresentamos breves biografias dos três *Mc's* participantes da Batalha do Cimba, que realizaram as oficinas na escola:

**Mc Lemes:** Adotou esse nome no Hip-Hop em alusão ao seu sobrenome. Tem vinte e quatro anos de idade (2022), autodeclara-se como preto. Formou-se em Farmácia recentemente e atua na área. Até os dezesseis anos só conhecia as batalhas de rimas por meio de vídeos assistidos em canais do YouTube e do Instagram. Seu primeiro contato presencial com esses eventos culturais de rimas improvisadas ocorreu em 2017, quando foi convidado por um amigo, em uma tarde de domingo, a ir assistir um grupo de adolescentes e jovens rimarem de forma improvisada no Parque Cimba, na cidade de Araguaína, onde ele mora.

A partir de então, o jovem passou a frequentar essas batalhas de rimas, que ocorre semanalmente,

reunindo um significativo número de jovens rimadores e pessoas formando uma plateia. Devido à localização do evento, passou a ser denominado como Batalha do Cimba, desde o início, no ano de 2017. Vejamos, na sequência, a Figura 1:

Figura 1 - Jovens reunidos em um evento de batalha de rimas no Parque Cimba.



Fonte: arquivo do pesquisador (2019)

Mc Lemes, desde então, tornou-se frequentador assíduo do Parque Cimba e participante das batalhas, destacando-se dentre os Mc's da cidade e do Estado do Tocantins, pelas rimas improvisadas, predominantemente construídas no

estilo “ideologia”<sup>5</sup>. Desde 2018, visita escolas de ensino fundamental e médio, bem como faculdades, falando aos estudantes sobre o movimento Hip-Hop e a Batalha do Cimba, sempre fazendo apresentações de rimas improvisadas e ministrando oficinas, com o objetivo de dar mais visibilidade a essa cultura. A seguir, consideremos a Figura 2:

Figura 2 - Mc Lemes (à direita) no Duelo Nacional de Mc's edição 2019, em Belo Horizonte/MG, representando o Estado do Tocantins



Fonte: foto cedida pelo Mc Lemes para essa pesquisa (2023).

Anualmente, Mc Lemes, juntamente com outros Mc's frequentadores da Batalha do Cimba,

<sup>5</sup> Nas batalhas de rimas improvisadas, as rimas construídas pelos Mc's podem ser classificadas em três diferentes estilos: estilo gastação - em que predominam palavras de desmerecimento ou detração de um Mc contra o outro, assim como ocorre nas pelejas de cordel; estilo pederastia- em que os Mc's proferem palavrões, fazem alusão ao ato sexual, e aos órgãos genitais. Esses dois estilos de rimas, em momento algum foram proferidos pelos Mc's participantes dessa pesquisa nos contextos do

projeto educativo do qual participaram como colaboradores. E, por fim, temos o estilo “ideologia”, em que os Mc's demonstram seus conhecimentos sobre temáticas diversas e também tecem críticas sociais, sobretudo contextualizadas com acontecimentos noticiados nas mídias. O estilo “ideologia” é o que constitui as batalhas de conhecimento, predominantes no movimento cultural Batalha do Cimba (Sousa, 2024, p. 77-78).

mobiliza-se para participar do Campeonato Estadual de *Mc's*, em que rimadores de pelo menos cinco cidades do Estado do Tocantins enfrentam-se nas batalhas de rimas disputando quem será o representante do Estado no Duelo Nacional de *Mc's*, que ocorre anualmente no mês de novembro.

Considerando todo o empenho e o comprometimento de *Mc Lemes* com o movimento Hip-Hop, especialmente, os modos como ele se mobilizou para a continuidade da Batalha do Cimba em Araguaína, nos anos de 2019, 2020 e 2021, ele se destacou nos campeonatos estaduais de rimas improvisadas, sendo o representante estadual nos três anos consecutivos no Duelo Nacional de *Mc's*, na cidade de Belo Horizonte/MG.

**Mc Snout:** *Mc Snout* conheceu o movimento cultural da cidade de Araguaína por meio da rede social Facebook, quando soube que ocorreria a primeira edição da Batalha do Cimba, no ano de 2017. Desde então, ele participa das batalhas de rimas improvisadas, dentro e fora do Estado do Tocantins.

Ele tem vinte e três anos (2022), autodeclara-se como negro, o que é posto contundentemente na construção

de suas rimas. Possui o ensino médio completo e trabalha no comércio de máquinas diversas como conferente de mercadorias. Eis, na sequência, a Figura 3:

Figura 3 - *Mc Snout* em apresentação a estudantes da UFNT



Fonte: foto cedida pelo *Mc Snout* para essa pesquisa (2023).

Conforme nos relatou *Mc Snout*, em entrevista, sua identificação com o movimento Hip-Hop justifica-se como uma forma de “motivação pra seguir meus sonhos e mostrar um novo ponto de vista pra sociedade”, além de representar a idealização de um “sonho de carreira e uma válvula de escape do meu dia a dia”.

À vista disso, podemos compreender que a identidade cultural de identificação com o Hip-Hop, assumida pelo *Mc Snout*, configura-se, um modo de se estar e interagir no

mundo, sobretudo na perspectiva de realização pessoal na condição de *Mc*, visto que, como tal, ele vislumbra possibilidades de posicionar-se criticamente diante de diferentes questões sociais e de ser ouvido por seus interlocutores. Além disso, o *Mc* externa que sua atuação nas batalhas de rimas permite que ele distancie da vida comum marcada pelos afazeres constantes do cotidiano.

Considerando os modos interativos como *Mc Snout* participa das batalhas de rimas e das oficinas de produção de rimas nos ambientes escolares, e suas percepções sociais e vivências expressas em entrevista que nos foi concedida para esta pesquisa, evidenciamos seu posicionamento de resistência e de reexistência (Souza, 2011) em que, por meio de sua identidade cultural *Hip-Hopper*, ele vislumbra perspectivas de intervenções nos contextos sociais em que vive.

**Mc Ferrugem:** Embora goste muito de rimar, na maioria das vezes, esse jovem *Mc* assume a função de apresentador das batalhas, instigando a plateia a interagir e a expressar a opinião quanto ao desempenho dos *Mc's* competidores em cada edição.

*Mc Ferrugem* assumiu esse nome artístico no movimento Hip-Hop, em referência às sardas que apresenta no rosto e aos cabelos levemente ruivos. Tem vinte e dois anos (2022), autodeclara-se como branco de cabelos ruivos e, assim como *Mc Lemes* e *Mc Snout* também participa da Batalha do Cimba desde as primeiras edições, em 2017. É estudante do curso de Direito na Faculdade Católica Dom Orione (FACDO) e exerce atividades remuneradas não específicas, que denomina de “bicos”. Consideremos, a seguir, a Figura 4:

Figura 4 - *Mc Ferrugem* em apresentação



Fonte: foto cedida pelo *Mc Ferrugem* para essa pesquisa (2023).

Questionado sobre qual concepção tem do movimento Hip-Hop, *Mc Ferrugem* afirma que, para ele, “É cultura, é a expressão dos oprimidos pela sociedade em que são

discriminados justamente pelo que são" (*Mc Ferrugem* em entrevista concedida no dia 22 de março de 2023).

Quanto à inserção das batalhas de rimas na escola, no contexto dessa pesquisa, *Mc Ferrugem* considera que é um modo de "[...] expressar em palavras o que você está sentindo, seu conhecimento e a batalha te dá uma impulsão para isso. Por isso eu acho bastante interessante essa ideia." (*Mc Ferrugem* em entrevista concedida no dia 22 de março de 2023).

As percepções de uso pedagógico das batalhas de rimas com vistas ao incentivo à leitura literária e à produção de poemas, expressas anteriormente pelo *Mc Ferrugem*, estão em conformidade com a assertiva de Marc Lamont Hill (2014), que afirma que:

Através da Literatura Hip-Hop, os estudantes se envolvem com os textos de Hip-Hop e uns com os outros, de maneira que produzem conversas críticas em momentos transgressores. Através da sala de aula imersa

no Hip-Hop e, particularmente, através dos textos de Hip-Hop, os alunos [são] capazes de criar novos espaços e formas para fazer soar suas vozes (Hill, 2014, p. 51).

Sendo assim, a Literatura Hip-Hop, citada pelo autor, congrega letras de *raps*, poesias *slam*<sup>6</sup>, batalhas de rimas improvisadas e, em muitos casos os escritos em prosa e em versos de autores da literatura marginal-periférica, que também expressam contestação à ausência do poder público (governamental) nas comunidades periféricas, no que concerne à manutenção de serviços sociais, como cultura, educação, além de manifestar veementemente o combate ao racismo e à violência policial. É exatamente nesta perspectiva que os *Mc's* apresentados colaboraram no projeto de leitura promovendo batalhas de rimas improvisadas e nas oficinas de rimas, como já referimos nesse estudo.

<sup>6</sup> A poesia *slam*, conforme Cynthia Agra de Brito Neves (2017), é "Um novo fenômeno da poesia oral e performática" que se realiza por meio de "competições ou batalhas de poesias que dão voz e vez a poetas da periferia, os quais versam sobre as adversidades do seu cotidiano" (Neves, 2017, p. 92). Nesse sentido, os campeonatos de *slam* geralmente são realizados em praças com presença de plateia e também nas escolas: os *slams* escolares ou

interescolares. Consiste na apresentação de uma poesia autoral com tempo máximo de até três minutos, sem que o poeta utilize qualquer recurso como suporte, apenas a voz e o corpo. Ao final da apresentação um júri composto por cinco pessoas da plateia emite suas notas. Vence o poeta que conseguir chegar até a final com a maior nota.

Destacamos que na primeira participação deles na escola, inicialmente, apresentaram uma breve batalha de rimas, na modalidade batalha de conhecimentos, em que solicitaram aos estudantes que falassem palavras contidas nos poemas dos cards literários, lidos no sarau do primeiro encontro, para que pudessem ajudar a construir as rimas a partir daquelas palavras.

Nessa ação de batalha de rimas improvisadas, houve maior envolvimento dos discentes; a maioria não conhecia essa cultura Hip-Hop e se mostrou fascinada pela capacidade de improvisação rítmica-poética dos *Mc's*. Então, mediante a grande aceitação e simpatia dos discentes para com os *Mc's*, e como já estava previsto no planejamento do projeto, convidamos esses poetas da oralidade para participar em outros dois momentos posteriores.

A seguir, apresentamos a transcrição da última batalha de rima improvisada, que foi realizada na quadra da unidade escolar, no evento Mostra Literária, promovido pelos professores da área de linguagem com a participação de estudantes de todos os turnos da escola:

**Mc Lemes:** Se vocês ama essa cultura, como eu amo essa cultura...gritem hip...

**Plateia:** hop!

**Mc Lemes:** gritem hip...

**Plateia:** ...hop!

**Mc Lemes:** Se vocês ama essa cultura, como eu amo essa cultura...gritem hip...

**Plateia:** ...hop!

**Mc Lemes:** gritem hip...

**Plateia:** hop!

**Mc Lemes:** Então eu vou fazer aqui uma demonstração,/ passando a minha mensagem e agradecendo/...só falando só verdade, porque vem do coração!/ Por isso a cada verso vou fazendo uma construção,/ tipo pedreiro! Só que o pedreiro da cena./ Construindo problema? Não!/ Só resolvendo meus esquemas,/ porque eu sou pouco a favor desse sistema! Não, não, não! Porque minha mente,/ ela sempre segue plena!

**Mc Snout:** Minha mente segue plena e encontra a alma! / Por isso que eu dedico amor à literatura. / E na minha cultura expresso sempre isso, porque eu sou o verso próprio da cultura!/ Então eu me permito com a intenção de melhorar,/ porque eu faço o freestyle na frente pra mim somar! / Por mais que o som dê problema...tá ligado? / Diante da perseverança não há obstáculo!

**Mc Lemes:** Não há obstáculo, eu vou chegando!/ Cês sabe que a rima, agora já tô incucando!/ Mas não importa onde eu chego, eu sigo somando!/ Decorrendo do que eu corro, cê sabe que eu tô suando!/ Um salve pro Colégio que me abrigou nessa cultura!-/ Cê sabe que amo arte e literatura!-/ Porque isso é mensagem do meu vocabulário!-/ Cê sabe que eu rimo, independente do horário:/ de manhã ou de tarde...talvez ou tô trabalhando!-/ Mas você sabe que com a cena eu tô somando!-/ Na escola eu sempre tive estudando,/ e agora eu voltei na escola eu voltei me apresentando!

**Mc Snout:** Hoje eu tô fazendo ritmo com a escola, isso é engraçado!-/ Existe ditadura, porque meus professores do passado/ me salvaram de sentar no canto de mais uma ditadura!-/ Por isso que eu digo meu freestyle restaurado!-/ Vários professores me tiraram dessa.../ eu nem sabia que eu tinha talento Hip-Hop,/ o professor que me ensinou! É o quinto ano que tô nessa!

**Plateia:** Éhhhhh... (Gritos e aplausos)

**Mc Lemes:** Por isso que aqui eu vou lançar...o flow/ A seguinte mensagem eu vou passar:/ porque aqui se passa verdade nos corações.../ do professor, que é o mestre de todas as profissões!-/ Aqui tem todas as profissões unidas!-/ Por isso que todas as culturas são bem-vindas,/ por isso que todo conhecimento é de verdade!-/ Porque aqui se prega a evolução com sagacidade!

**Mc Snout:** (primeiro verso ininteligível) ...desperta o conhecimento, a moral... Cê tá ligado que o meu rap diz a causa: o melhor conhecimento, a literatura passa! Por isso que eu chego nessa animação falando: vocês com a Educação, vocês tão se armando... contra uma opressão garantida no futuro! Porque cês sabe que a vida num é fácil nesse mundo! A vida não é fácil, mas se tiver estudo, o caminho de vocês, vocês que escolhe...é o futuro!

**Plateia:** Éhhh! (Aplausos)

**Mc Lemes:** Mano, por isso que aqui só se constrói!-/ Então cada professor é um super-herói!-/ É... eu tô sempre na minha evolução!-/ Por isso que eu vou passar minha visão,/ de tudo que eu faço aqui é de coração!-/ São verdades passadas em forma de improvisação!-/ É... e a escola sempre abriga quem quiser:/ não importa se ele é homem, se ele é preto, ou se é mulher!-/ Não importa, que ao ir...cultura!-/ isso aqui é muito mais que... só cultura de rua!-/ A gente tá constatando a postura perpendicular!-/ Por isso que eu vou rimando na minha e na sua!

**Mc Snout:** Eu apresento meu conceito ideal de sociedade!-/ Geral tá panguando!-/ Não tem mulher, não tem preto! Não tem homem macho, mano!-/ Pra mim só existe "bora ser humano"!-/ Por isso que eu chego pro freestyle!-/ Agora... na rima eu digo: "fora com a opressão!"/ Racismo e preconceito na minha sociedade,/ me deixam

indignado com a própria convicção!

**Mc Lemes:** Por isso que com verso eu faço magia!/ Então eu faço rap: ritmo e poesia!/ Eu agradeço a oportunidade de coração!/ E com fé em Deus, sábado o Flamengo é campeão!

**Plateia:** Éhhhhh! (Aplausos).

(Fonte: transcrição feita pelo pesquisador a partir de vídeo cedido pela coordenação da escola)

A batalha de rima acima foi gravada em vídeo por meio de aparelho celular pela coordenadora da escola campo de pesquisa, que nos cedeu para uso neste estudo. Assim, fizemos a transcrição literal<sup>7</sup> do áudio com o propósito de apresentar a batalha em sua integralidade com a reprodução fiel das rimas dos *Mc's*. A batalha teve duração de quatro minutos e doze segundos, foi apresentada como forma de demonstrar para toda a comunidade escolar a importância do movimento Hip-Hop na escola, e como os *Mc's* improvisam suas rimas que, naquele momento, tiveram como mote suas percepções do projeto de leitura

literária que desenvolvemos com os estudantes das turmas de 8º e de 9º anos, do qual participaram como colaboradores; e, ainda, a apreciação dos trabalhos artístico-literários expostos e apresentados no evento em que fizeram a batalha.

Como marcamos na transcrição, houve a participação da plateia, que estava disposta, com a maioria das pessoas sentadas, assistindo à apresentação. Inicialmente, *Mc Snout* falou brevemente sobre o movimento Hip-Hop em Araguaína, destacando a Batalha do Cimba. Ele falou ainda de sua participação e dos *Mc's* Lemes e Ferrugem nas oficinas do projeto de leitura que desenvolvemos na escola e, em seguida, passou a palavra ao *Mc Lemes*.

*Mc Lemes* iniciou sua enunciação convocando a plateia a interagir com a saudação usual das batalhas de rimas, sempre entoada no início dessas apresentações: “Se vocês ama essa cultura, como eu amo essa cultura...gritem: Hip-Hop!”. As pessoas da plateia, animadas, responderam à

<sup>7</sup> Na transcrição literal é importante que todo o conteúdo enunciado pelos falantes sejam transcritos, exatamente do modo como foi enunciado: obedecendo a linguagem desses

falantes, reproduzindo sua linguagem formal ou coloquial, gírias, pausas e contração de palavras, por exemplo.

saudação, conforme instruções de *Mc Lemes*.

Os dois jovens abrem a batalha com rimas que fazem referência a suas condições de integrantes do movimento Hip-Hop por meio de suas identidades como *Mc's* integrantes da batalha de rimas improvisadas. Citam, ainda, o comprometimento com o fazer poético de construção de rimas improvisadas, como vemos nos versos “Cê sabe que eu rimo, independente do horário:/ de manhã ou de tarde...talvez ou tô trabalhando! /Mas você sabe que com a cena eu tô somando!”, de *Mc Lemes*. Por meio desses versos, *Lemes* apresenta à plateia sua relação com a batalha de rimas, demonstrando sua identidade cultural, aparentemente formada sob forte influência do movimento Hip-Hop, ao qual ele se refere como “a cena”. Vejamos, a seguir, a partir da Figura 5, a imagem dos *Mc's* performando suas rimas.

Figura 5 - *Mc Lemes* e *Mc Snout* (à direita) em batalha de rimas



Fonte: fotografia cedida pela coordenação do Col. Adolfo (2022).

Na progressão da apresentação da batalha de rimas, os *Mc's* passaram a rimar sobre a arte e a literatura, expressando admiração e uma possível relação com a leitura e com a produção de literatura oral, por meio da construção das rimas improvisadas e do freestyle, como afirma *Mc Snout*, em “Por isso que eu dedico amor à literatura./ E na minha cultura expresso sempre isso, porque eu sou o verso próprio da cultura! / Então eu me permito com a intenção de melhorar,/ porque eu faço o freestyle na frente pra mim somar! ”.

No decorrer dos versos que dão início à batalha, percebemos que os dois *Mc's* improvisam suas rimas apresentando, enfaticamente à plateia, suas relações com o movimento Hip-Hop, destacando suas improvisações

rítmico-poéticas e, sobretudo, demonstrando suas identidades culturais, formadas a partir de suas relações com essa cultura, que expressa as vozes das populações periféricas urbanas, histórica e majoritariamente constituída de pessoas negras.

Na continuidade, *Mc Lemes* informa a plateia quanto à sua vivência de interlocuções rítmico-poéticas nos ambientes escolares, atuando como artista da cultura Hip-Hop por meio das rimas improvisadas, como está expresso na sequência de rimas, a seguir:

Um salve pro Colégio que me abrigou nessa cultura!/ Cê sabe que amo arte e literatura!/ Porque isso é mensagem do meu vocabulário!/ Cê sabe que eu rimo, independente do horário:/ de manhã ou de tarde...talvez ou tô trabalhando!/ Mas você sabe que com a cena eu tô somando!/ Na escola eu sempre tive estudando,/ e agora eu voltei na escola eu voltei me apresentando! (*Mc Lemes*, nov 2022).

Nessa construção de rimas, *Lemes* faz referência à sua atuação em apresentações nos ambientes escolares, em que frequentemente se faz presente junto com outros *Mc's*,

levando a cultura Hip-Hop por meio de palestras, de rodas de conversas com crianças, com adolescentes e com adultos, de oficinas de rimas, e, principalmente realizando batalhas de rimas improvisadas na modalidade conhecimento.

Nesse contexto, salientamos que acompanhamos a trajetória do movimento *Hip-Hopper Batalha do Cimba* desde o início, no ano de 2017, e a partir de então incentivamos e encaminhamos os *Mc's* a levarem as batalhas de rimas para as escolas e as universidades, como forma de expansão da cultura Hip-Hop e de valorização da poesia oral construída por esses poetas orais urbanos, *Mc's* e rappers, que, conforme assevera Souza (2011), “[e]m suas narrativas, eles tematizam o cotidiano, aconselham, denunciam, ensinam, tomando como referências aspectos do meio social, político e cultural em que vivem” (Souza, 2011, p. 61).

Em conformidade com o argumento exposto acima por Souza (2011), as construções poéticas dos *Mc's*, a exemplo das rimas de *Lemes* e de *Snout*, em destaque, evocam como temáticas, diversos aspectos sociais e contemporâneos presentes nos

contextos urbanos-periféricos, denotando suas vivências e suas percepções crítico-sociais acerca dos contextos em que estão inseridos.

Nas rimas em análise, verificamos que os *Mc's* colocam em evidência a abertura gradual que as escolas e as universidades têm dado para a inserção do Hip-Hop nesses ambientes, em perspectiva de interlocuções poéticas e de contribuições à construção de uma educação literária, voltada aos estudantes da educação básica e do ensino superior, e ainda os próprios *Mc's*, dentre os quais percebemos que alguns desenvolveram a consciência de que para se sobressaírem nas batalhas de rimas necessitam praticar diversos tipos de leituras, principalmente, a literária.

Podemos destacar, ainda, nessa batalha de rimas realizada na escola, outras temáticas enunciadas por Lemes e por Snout que, de certo modo, convocam a plateia, principalmente, os estudantes presentes, a refletir sobre a literatura como expressão das percepções da realidade cotidiana. Isso pode ser assinalado com base nos seguintes versos de Mc Snout: "Minha mente segue plena e encontra a alma! /

Por isso que eu dedico amor à literatura./ E na minha cultura expresso sempre isso, porque eu sou o verso próprio da cultura!"; vemos também referência ao papel de transformação social desempenhado pela educação, em:

Por isso que eu chego nessa animação falando: vocês com a Educação, vocês tão se armando... contra uma opressão garantida no futuro! Porque cê's sabe que a vida num é fácil nesse mundo! A vida não é fácil, mas se tiver estudo, o caminho de vocês, vocês que escolhe...é o futuro! (Mc Snout, nov 2022).

As rimas de Snout destacam a perspectiva de que, por meio do acesso à educação, os adolescentes e os jovens em formação poderão ter melhores condições de romper com as diversas dificuldades que acentuam as desigualdades sociais e que limitam e/ou impossibilitam o acesso à cidadania.

Como construção artístico-cultural, o movimento Hip-Hop é, sobretudo, uma prática de grande relevância que expressa as vozes da população negra e periférica, marginalizada ao longo da história pelas impossibilidades de acesso à cidadania, aspecto potencializado pelo

racismo. Em contraposição a essa realidade, as poéticas enunciadas pelos *Mc's* nas batalhas de rimas, assim como nas letras de raps, potencializam o combate a todo tipo de preconceito e de racismo, tão presentes na sociedade brasileira.

Devido a isso, destacamos, a seguir, as rimas em que *Mc Snout* faz sua crítica social a partir de sua percepção de diferentes preconceitos e do racismo (que é uma questão estrutural em nosso país), aos quais repudia. Vejamos a letra:

Eu apresento meu conceito ideal de sociedade!/ Geral tá panguando!/ Não tem mulher, não tem preto! Não tem homem macho, mano!/ Pra mim só existe "bora ser humano"!/ Por isso que eu chego pro freestyle!/ Agora... na rima eu digo: "fora com a opressão!"/ Racismo e preconceito na minha sociedade,/ me deixam indignado com a própria convicção! (Mc Snout, nov 2022).

A partir da apropriação de uma linguagem coloquial marcada pela presença de gírias ("Geral", "panguando", "mano", "bora"), característica acentuada das letras de *rap*, do *slam* e das batalhas de rimas, *Mc Snout* posiciona-se contra a misoginia, em "Não tem mulher...não

tem homem macho", com isso podemos interpretar que há uma defesa da igualdade de gêneros. Na sequência, o referido *Mc* ainda rejeita qualquer forma de opressão e finaliza expressando sua total indignação e sua reprovação em relação ao preconceito e ao racismo, nos versos "Racismo e preconceito na minha sociedade, / me deixam indignado com a própria convicção!".

Nessa perspectiva, consideramos que as batalhas de rimas na "modalidade conhecimento" (uma vez que existem outras modalidades) são práticas de um tipo de linguagem poética mais democrática e acreditamos que sua inserção na escola seja muito importante, visto que a linguagem coloquial dos *Mc's*, associada aos *beats* e ao *freestyle*, e, ainda, considerando, sobretudo, os seus estilos pessoais, conseguem expressar suas identidades culturais. Sendo assim, constatamos que este estilo de poesia, comumente, de poetas-*Mc's* mais jovens, consegue despertar fortemente a atenção de adolescentes e/ou de jovens. Acreditamos que há, portanto, uma identificação maior. Além disso, esta poesia considerada mais "marginal-

periférica" pode levar os estudantes ao gosto pelas rimas, podendo despertar-lhes o gosto pela prática da leitura de poemas e até mesmo da escrita literária.

Salientamos que, as habilidades de improvisação dos *Mc's*, que se dão a partir de temáticas livres, ritmadas por um beat instrumental, parece-nos ser o fator que mais chama a atenção dos espectadores. A progressão das rimas apresentadas pelos *Mc's* parece corresponder à expectativa das pessoas na plateia sobre qual dos dois poetas-improvisadores conseguirá se sobressair na performance poética-oral do improviso.

Os sentidos enunciados por *Mc Lemes* e por *Mc Snout*, na batalha de rimas em evidência, denotam que esses eventos de improvisações poéticas, principalmente nos ambientes escolares, podem contribuir para uma leitura crítico-social da realidade em que adolescentes e jovens são instigados a refletirem e a expressarem suas percepções, ao mesmo tempo em que são motivados a exercerem atitudes de reexistência frente às adversidades presentes em seus contextos de vivências sociais.

### Considerações finais

A experiência de inserir os *Mc's* na escola em momentos de interação com os estudantes por meio das batalhas de rimas improvisadas foi uma iniciativa muito significativa de valorização da poética oral produzida por esses jovens poetas urbanos, que, em práticas de letramentos de reexistência, enunciam em suas rimas suas vivências e suas leituras críticas acerca dos contextos sociais em que estão inseridos, e que são capazes de perceber as situações de vulnerabilidades que por vezes são presentes nesses contextos.

Consideramos que a presença dos *Mc's* na escola, na condição de colaboradores realizando batalhas e oficinas de rimas, foi muito relevante sobretudo em virtude da boa receptividade dos alunos para com eles. Assim, foram vivenciados bons momentos de interação a partir da apreciação das rimas improvisadas enunciadas pelos *Mc's*, de modo que os alunos puderam perceber a expressividade poética dessas rimas e foram instigados a vivenciarem a poesia de outras formas e perspectivas diferentes.

### Referências

ALMEIDA, Sílvio. *Racismo estrutural*. São Paulo: Jandaia, 2020.

AMORIM, Marcel Alvaro de... et al. *Literatura na escola*. São Paulo: Contexto, 2022.

D'ALVA, Roberta Estrela. *Teatro Hip-Hop: A performance poética do ator-MC*. São Paulo: Perspectiva, 2014.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 103-133.

HILL. Marc Lamont. *Batidas, rimas e vida escolar: Pedagogia Hip-Hop e as políticas de identidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

LAWSON, Bill E. Comandos do microfone: rap e filosofia política. In: DARBY, Derrick. SHELBY, Tommie. *Hip hop e a filosofia*. São Paulo: Madras, 2006, p. 161-171.

NEVES, Cynthia Agra de Brito. Slams - letramentos literários de reexistência ao/na mundo contemporâneo. *Linha D'Água (Online)*, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 92-112, out. 2017.

PATROCÍNIO, Paulo Roberto Tonando. *Escritos à margem: a presença de autores de periferia na cena literária brasileira*. Rio de Janeiro: 7 Letras; Faperj, 2013.

SILVA, Ana Cristina Ribeiro Silva. *Laboratório Hip-Hop: Arte, Educação Batalha- Cia Eclipse e Convidadas (os) e suas andanças*. São Paulo, LiteraRua, 2021.

SOUSA, Leomar Alves de. *Hip-hop e a literatura marginal-periférica: contribuição para a formação leitora na escola*. Tese (Doutorado em Linguística e Literatura) - Centro de Ciências Integradas CCI, Universidade Federal do Norte do Tocantins, Araguaína, 2024.

SOUZA, Ana Lúcia. *Letramentos de reexistência: poesia, grafite, música, dança: Hip-hop*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.